

4

Metodologia da Pesquisa

4.1

Natureza da pesquisa

Este estudo insere-se na corrente de pesquisas qualitativas, segundo Denzin & Lincoln (2006, p. 15-41) a pesquisa qualitativa pode ser definida genericamente como sendo uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Para os autores,

“a pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos” (p.17).

E concluem que os pesquisadores dessa área utilizam-se de “uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas” (p.17) na tentativa de entender melhor o que está analisando. Ao afirmarem que “o pesquisador qualitativo pode assumir imagens múltiplas e marcadas pelo gênero:... pesquisador de campo, crítico social, ensaísta... talvez seja visto como um *bricoleur*...” (p.18), e esclarecem que esse termo deve ser entendido como um ‘fazedor de colchas’, aquele que reúne vários pedaços para chegar ao produto final.

Dando prosseguimento à comparação acima, os autores afirmam que:

“Como *bricoleur* ou confeccionador de colchas, o pesquisador qualitativo utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance” (p.18).

Adotando a metáfora usada pelos autores (id. *ibid.*) e, no sentido de que a pesquisa qualitativa não admite apenas um paradigma metodológico, o que possibilita ao pesquisador empregar diversas ferramentas de análise; uma vez que adoto em minha pesquisa uma perspectiva de análise com foco em eventos da

fala-em-interação e em entrevistas, esta pesquisa pode ser vista como o trabalho de um *bricoleur* interpretativista.

Para Denzin & Lincoln (2006),

“o *bricoleur* interpretativo entende que a pesquisa é um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça e pela etnicidade dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário” (p.20).

Assim, como em todo processo interativo, na pesquisa qualitativa, tanto as ferramentas de análise como a história de vida e características pessoais do pesquisador irão influenciar em seu trabalho. Daí os autores entenderem o produto do trabalho do *bricoleur* interpretativista como “um conjunto de imagens e de representações mutáveis, interligadas.” (p.20).

Para esta pesquisa, foi adotado como paradigma de pesquisa o subjetivista/interpretativista, que advoga uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, procurando as significações dos fatos no contexto concreto em que ocorrem (Chizzoti, 1991:12). Pode-se dizer que temos aqui o estudo da interação em situações reais, observando suas particularidades, em relação tanto com o contexto imediato de sua ocorrência, quanto com estruturas mais amplas.

Num primeiro momento, a idéia era de buscar-se, enquanto pesquisa qualitativa, uma predominância de gravações com dados de língua oral, em que o analista participa do processo de coleta de dados e da transcrição dos mesmos; os dados não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, captados em um instante de observação e todos os fenômenos são importantes e preciosos.

No entanto, o que se tem aqui é uma situação diferenciada, pois a pesquisadora faz parte da família que se propõe analisar. E, embora o foco da pesquisa seja a interação entre pai e filhas, o que presume um certo distanciamento da pesquisadora/mãe, o que aconteceu foi que, por mais que tentasse uma neutralidade, inclusive tomando cuidado para não me “colocar” demais nos momentos de interação, isto ficou bem difícil.

E, talvez por não acreditar numa neutralidade absoluta de qualquer pesquisador – particularmente o etnógrafo -, resolvi assumir a postura de alguém que é capaz de analisar os dados não obstante a proximidade. Penso que é

exatamente esse conhecimento, essa aproximação, que permitirá a construção de uma cumplicidade que estará sempre presente principalmente no processo de análise e interpretação dos dados.

Esclareço que algumas observações citadas neste estudo não foram gravadas, mas são fruto de anotações feitas durante muitos anos em momentos de interação entre pai e filhas e de minhas próprias lembranças. Enfim, reporto-me em alguns momentos a situações impossíveis de serem gravadas, seja por terem acontecido repentinamente – quando não havia gravador à mão-, quando os conflitos aconteciam em situações consideradas “absolutamente normais” e havia uma mudança repentina devido a uma palavra “descuidada” dita ao acaso.

4.2

Tipos de pesquisas

4.2.1

A pesquisa etnográfica

Dentre os vários métodos de pesquisa no estudo do discurso face a face, o adotado neste trabalho foi a pesquisa etnográfica, cujo objetivo é documentar e analisar aspectos da prática da linguagem e como esta prática é situada na sociedade em que ocorre; tem como foco situações sociais de uso e os dados e análise dos dados são mutuamente constitutivos: análise etnográfica, processo de observação e gravação de dados. A característica essencial deste tipo de pesquisa é o foco nas especificidades de realização da fala.

Esclareço que houve, antes do início do trabalho, um processo de negociação com os participantes em que lhes foi passado o objetivo da pesquisa e a seguir eles deram seu consentimento. Ressalto que os participantes da pesquisa tiveram total acesso aos dados coletados e se dispuseram, inclusive, a acionar o gravador quando eu não estivesse presente – fato ocorrido em pelo menos duas das gravações. Saliente-se que a liberdade aos dados foi tamanha que outras duas gravações foram eliminadas pelos participantes.

Os dados são de natureza oral, gravados em situações em que pelo menos dois dos participantes estivessem presentes, eram situações do dia a dia como à

mesa do almoço, do café da manhã, o carro da família quando o pai e as filhas voltavam do colégio, ou o carro da família quando o pai levava uma das filhas e duas amigas a um show.

4.2.2

A entrevista sociolingüística e etnometodológica

Embora a proposta inicial deste trabalho fosse trabalhar apenas com dados das gravações de situações em que houvesse interação familiar, no transcorrer do trabalho, surgiu a necessidade de outra metodologia que viesse a enriquecer o estudo e busquei orientação no trabalho de Elliot G. Mishler, (1995, p.1-116), *Research Interviewing – Context and Narrative*, em que o autor examina as suposições e implicações das atuais definições relativas à entrevista como metodologia de pesquisa e tem como foco a forma pela qual a visão padrão ou tradicional desse método se limita a questões meramente técnicas que não atingem o problema central do discurso.

Tomei como base a definição de Maccoby e Maccoby (1954, p.449 *apud* Mishler, 1995:9) que definem entrevista como uma troca verbal face a face, na qual uma pessoa, o entrevistador, tenta extrair informações ou expressões de opinião ou crença de outra pessoa ou pessoas; e Kahn e Cannell's (1957, p.16 *apud* Mishler, 1995:9) que a definem como um padrão de interação no qual o papel do relacionamento entre entrevistador e entrevistado é altamente especializado, com suas características dependendo, de alguma forma, do propósito da entrevista.

Mishler (1995) extrai algumas suposições: em primeiro lugar, a entrevista seria um evento comportamental, mais do que um evento lingüístico. A entrevista, nessa visão tradicional, não seria definida normalmente como discurso, mas sim como uma troca verbal, um padrão de interação verbal. Esta distinção marca as diferentes compreensões da natureza da entrevista, de suas qualidades e seus problemas.

Ao explicar o contraste entre conversa e comportamento, o autor afirma que, enquanto a conversa é formada por uma sistemática de organização, a qual reflete a operação de uma série de regras normativas, como por exemplo, regras

de sintaxe, as unidades de comportamento são arbitrárias e fragmentadas. Estas, por sua vez, seriam conectadas entre si não a partir de regras, mas sim por meio da história de associações passadas que variam de pessoa para pessoa.

A definição comportamental não considera, na análise e interpretação das entrevistas, as compreensões culturalmente compartilhadas das entrevistas como tipos particulares de discursos. A descontextualização das perguntas e respostas levantaria uma variedade de problemas na análise e interpretação das informações obtidas nas entrevistas. Estes problemas costumam ser vistos como técnicos, como se eles pudessem ser resolvidos por meio de métodos mais rigorosos e precisos.

O autor não desconsidera a importância do rigor e da precisão na elaboração de uma pesquisa. Ele propõe, porém, que a visão tradicional difundida das entrevistas como eventos comportamentais dificulta a superação de uma visão limitada quanto aos problemas presentes no processo da entrevista. Muitas vezes o senso de precisão destes métodos é ilusório e obscurecem o problema central na interpretação das entrevistas, em outras palavras, na relação entre o discurso e seu significado.

Lazarfield (1935, p.1 *apud* Mishler, 1995:1) afirma que a diversidade existente na forma como os entrevistadores fazem perguntas é a chave para uma boa entrevista, e não um problema que exigiria padronização. Recomenda uma diferente abordagem que passou a ser valorizada por gerações sucessivas de pesquisadores e se remete ao “princípio da divisão” ao reconhecer que a tentativa de ajustar as perguntas às diferentes experiências de cada entrevistado estaria em conflito com o procedimento usual de fazer perguntas da mesma maneira para todos os entrevistados. Sobretudo, advoga por uma maneira mais liberal e livre de lidar com o questionário pelo entrevistador.

O objetivo de Mishler é mostrar a fragilidade dessas abordagens tradicionais ao lidar com a pesquisa no campo das ciências sociais. O autor buscou elaborar uma alternativa adequada, que se apropria da entrevista como um discurso entre o entrevistador e o entrevistado.

Ao tratar entrevistas de pesquisa como evento de discurso, Mishler usa o conceito empregado por Hymes (1967, p.19 *apud* Mishler, 1995: 35), que o define como atividades, ou aspectos de atividades, que são diretamente governadas pelas

regras para uso do discurso. Tais eventos representam um nível na hierarquia das unidades sociais que Hymes especifica, dentre as quais estão as comunidades, situações e atos de discurso.

A definição da entrevista como um evento discursivo implica considerar uma série de elementos que antes foram negligenciados pelas teorias tradicionais. As suposições de tais teorias não são, de acordo com o autor, empiricamente fundamentadas, possuindo uma validade questionável. Além disto, o problema de uma adequada representação emerge somente quando o discurso é seriamente considerado.

De acordo com o Mishler (1995, p. 35-51), não é fácil determinar se as perguntas têm o mesmo significado para todos os entrevistados. Responder a essa questão exige uma análise sistêmica, uma teoria explícita das relações entre o discurso e o significado, e uma compreensão das entrevistas como um discurso produzido por meio de uma ação conjunta.

O autor ressalta que a forma das perguntas não é o fator determinante no processo pelo qual as ambigüidades são manifestadas ou resolvidas. Isto é feito pela forma pela qual os entrevistadores e os entrevistados tentam ajustar suas perguntas e respostas umas às outras e ao desenvolvimento do discurso. As ambigüidades são resolvidas por meio do próprio discurso e não pelos esforços voltados para a tentativa de garantir declarações mais precisas às perguntas, como defende a visão tradicional.

Segundo Mishler (id. Ibid.) o discurso deve ser levado a sério pelos analistas e requer uma atenção especial quanto às características lingüísticas e paralingüísticas que aparecem rotineiramente nas conversas e que são muitas vezes omitidas nos textos escritos ou nas transcrições de tais entrevistas. Cada transcrição acaba por incluir ou excluir determinadas características do discurso. Algumas características do discurso, como o estresse e o tom de voz, parecem ser impossíveis de serem representados no texto escrito. Gestos, expressões faciais, movimentos do corpo, os quais não são captados nas gravações das entrevistas também são difíceis de serem representadas, mas são elementos muito importantes na descrição do que de fato ocorreu durante as entrevistas. Estes são importantes problemas de transcrição que devem ser enfrentados pelos pesquisadores nos dias de hoje.

O autor argumenta que um conhecimento adequado das entrevistas depende do reconhecimento de como os entrevistadores reformulam as perguntas e como os entrevistados formulam as respostas em termos de uma compreensão recíproca à medida que os significados emergem durante o curso da entrevista.

Uma maneira pela qual a entrevista se desenvolve é por meio da reformulação e especificação mútua das perguntas. Uma pergunta pode ter inúmeros significados, e é a troca entre entrevistador e entrevistado que faz com que um único significado seja compartilhado. A pergunta, portanto, passa a ser considerada um processo circular pelo qual o seu significado é criado no discurso entre entrevistador e entrevistado à medida que eles tentam manter o sentido daquilo que dizem um ao outro.

De acordo com o autor, uma das características essenciais da entrevista é o fato de esta ser um evento discursivo e coletivamente construído. Uma outra premissa a ser abordada é a de que a análise e interpretação das entrevistas são baseadas em uma teoria do discurso e do significado.

O foco do autor é mostrar que a interpretação da organização e do padrão do discurso depende de um modelo teórico que especifique as suposições e as regras usadas quando as pessoas falam umas com as outras.

4.3

Contexto e Participantes

O estudo foi realizado em uma família formada por quatro membros: pai, Aurélio, é professor, brasileiro; mãe, Mana, também professora, é natural de Goiás; e duas filhas: Mariana, 19 anos, brasileira, é estudante de Fisioterapia em um Centro Universitário de Brasília e Ana Clara, 16 anos, brasileira, é estudante da segunda série do Ensino Médio em escola particular de Brasília. Os pais são casados e moram todos na mesma casa em Brasília-DF. Os nomes aqui apresentados não são fictícios, visto que a pesquisadora faz parte da família pesquisada.

E, embora por fazerem parte da minha família, os participantes tenham estado sempre em contato com os questionamentos que me levaram a este trabalho, a fim de legitimar o estudo, no primeiro contato formal com os

participantes, expliquei-lhes o objetivo e a forma como a pesquisa seria realizada, sendo desde logo solicitada a autorização para gravar tanto as entrevistas quanto os momentos de interação familiar. Esclareço que expus a importância de fazermos um termo escrito no qual eles me autorizassem as gravações, mas nenhum de nós considerou necessário fazer isso.

Ainda que a autorização tenha ficado apenas no plano verbal e, num primeiro momento tivesse havido de minha parte uma preocupação em usar, nas transcrições, nomes fictícios; pareceu-nos muito artificial quando tivemos contato com as primeiras transcrições. E, diante da sugestão de Mariana, minha filha mais velha, de que usássemos nossos verdadeiros nomes (afinal só nós saberíamos disso!!), despreocupe-me com a troca de nomes, em que pese um possível reconhecimento que viesse a prejudicar nossa privacidade.

Mas isto era sempre levado em consideração quando, ao serem apresentados aos dados a fim de que pudessem opinar sobre a utilização que fiz de suas (nossas) vidas, não foram poucos os momentos em que me corrigiram, principalmente Ana Clara, que se colocou em determinado momento da seguinte forma:

“- Mas aí não rola, quem ler isso vai me pintar de marginal!”

4.4

Tratamento dos dados

O material analisado é constituído de quatro gravações em áudio e transcritas posteriormente, realizadas em momentos de interação familiar nos quais Aurélio e Ana Clara sempre estavam presentes, Mariana estava presente em três momentos de interação e eu em dois momentos, às refeições em casa em fim de semana; parece-me claro que nas vezes em que eu não estava presente para fazer a gravação, um deles o fazia, conforme já comentei anteriormente; o que comprova a disponibilidade de todos na coleta de dados.

Num segundo momento, procedemos às entrevistas, que também foram gravadas em áudio e transcritas posteriormente. Eram cinco perguntas com bastante carga de oralidade nas quais eu pedia a Aurélio que falasse um pouco do

que é para ele ser pai e que falasse de sua relação com suas filhas e com seu pai; para Ana Clara e Mariana foram quatro perguntas também carregadas de oralidade nas quais lhes peço que falem um pouco de si mesmas, de seus pais e sua relação com eles, e que falem um pouco dos seus amigos, seus pais e o relacionamento deles.

As transcrições podem ser encontradas no anexo deste trabalho.

Para concluir, retomo Sarangi (2007:8) quando chama-nos a atenção ao fato de haver um pesquisador apenas observador e um pesquisador participante da pesquisa; segundo o autor, quando o pesquisador é apenas observador, pode criar uma lacuna interpretativa, o que não acontece quando ele também faz parte da interação, quando pode adotar a perspectiva de dentro da interação, e puder recolher também as impressões dos demais participantes da interação.